

## ENSINO E EXTENSÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA COM CRIANÇAS

*Ana Lúcia Castilhano de Araujo<sup>1</sup>*

### RESUMO

Este texto tem como objetivo relatar a experiência extensionista com a participação de alunos do curso de Psicologia da UESB em ambientes escolares e, ao mesmo tempo, refletir sobre algumas características das infâncias das crianças que foram observadas na atividade. Para dar sustentação teórica e metodológica à ação, tanto em termos do planejamento quanto na interpretação do contexto observado, foram utilizadas as abordagens teóricas estudadas na disciplina Psicologia do Desenvolvimento I aliadas às concepções da sociologia da infância. Essa experiência pôde nos oferecer elementos para pensar em novas ações, novos projetos com crianças, assim como para refletir sobre a vinculação entre ensino e extensão na universidade. Para as crianças, trabalhos de extensão como este são importantes para apresentar alternativas de relações com adultos em modelos diferentes daqueles estabelecidos na escola e na família, o que acreditamos ser relevante para sua constituição como sujeitos de direitos.

**Palavras-chave:** Crianças. Extensão. Ensino.

### ABSTRACT

This text aims to report the extension experience with the participation of students of psychology course in school environments and at the same time, reflect on some characteristics of the childhoods of children that were observed in the activity. To give theoretical and methodological support to the action, both in terms of planning and the interpretation of the observed context, the theoretical approaches studied in I Developmental Psychology discipline combined with the sociology of childhood conceptions were used. This experience provide elements to think of new actions, new projects with children as well as to reflect on the link between education and extension at the university. For children, extension works like this are important to provide adults with alternative relationships in different models from the school and family experience, which we believe is important to their constitution as subjects of rights.

**Keywords:** Children. Extension. Education.

O presente relato apresenta uma experiência de extensão desenvolvida com crianças no município de Uruçuca, Bahia, em consonância com o ensino no curso de Psicologia. O objetivo foi realizar ensino e extensão de forma vinculada, trazendo os alunos de graduação para os contextos extensionistas. Para cumprirmos o objetivo do texto, apresentaremos a atividade realizada e,

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professora Titular da UESB.  
E-mail: [alcastilhano@gmail.com](mailto:alcastilhano@gmail.com)

posteriormente, os comentários e interpretações dos alunos sobre a atividade. E, finalmente, faremos uma breve consideração sobre todo o processo.

O Programa Laboratório de Estudos, Pesquisas e Extensão sobre Condições de Vida e Direitos Humanos realizou uma Missão de Estudos e Ensino de Caráter Extensionista, em 2014, na cidade de Uruçuca. A ação aqui relatada envolveu o desenvolvimento de alguns projetos em escolas da cidade e contou com um grupo de extensionistas de várias áreas, com propostas de salas de conversa com adolescentes sobre sexualidade, palestras e exibição de *slides* sobre figuras históricas da cidade de Uruçuca e da escola estadual. Incluímos, como um dos projetos ligados ao Programa, uma atividade de conversa com crianças. Inicialmente, pensamos em realizar uma sala de conversa com crianças, discutindo verbalmente alguns temas de seu interesse, mas, diante de algumas peculiaridades deste grupo etário, decidimos por fazer a discussão de forma mais livre, tanto em termos metodológicos como teóricos.

A abertura de espaço para as crianças refletirem sobre seu próprio mundo, sua cidade, lazer, suas preocupações e sua escola faz parte de um conjunto de preocupações de diversos autores que se voltam para considerá-las como sujeitos ativos, protagonistas da sociedade. Partimos da proposta de criar abertura para as crianças serem ouvidas pelo adulto, independente destes momentos terem um cunho pedagógico. As crianças merecem ser ouvidas por si mesmas, sem que um objetivo pedagógico específico esteja em ação (MONTGOMERY, 2010). A escola e, por vezes, outros espaços de convívio da criança podem criar um contexto de regras pré-estabelecidas que deixa muito pouco espaço para que elas conversem entre si, compartilhando ideias e histórias de vida. Apoiados na discussão a respeito dos direitos das crianças, organizações ressaltam, na contemporaneidade, a importância de, por meio do conhecimento construído sobre suas vidas e sobre seu entorno social, garantir que a sociedade reconheça e faça valer a ideia de cidadania infantil (ROSEMBERG; MARIANO, 2010; QVORTRUP, 2001).

A atividade que relatamos aqui, como parte dessa Missão de Estudos, procurou cumprir dois objetivos: observação participante com alunos do curso de Psicologia da UESB e atividade lúdica com crianças de oito a dez anos, realizada em duas escolas de ensino fundamental, sendo uma municipal e outra privada. Contamos com seis alunos do curso de Psicologia, todos cursando a disciplina Psicologia do Desenvolvimento I, que aborda o desenvolvimento da criança em seus aspectos físico, social e cognitivo. Consideramos a possibilidade de levar os alunos a observar crianças no ambiente escolar a partir de um ponto de vista metodológico planejado. O planejamento das atividades buscou levar em consideração o pouco contato que os alunos de semestres iniciais da graduação possuem, atualmente, com crianças. É importante ressaltar a necessidade de, ao expor alunos de Psicologia a teorias que se propõem a explicar a infância, poder contar com a observação de contextos de desenvolvimento infantil. Em geral, para garantir essas observações, lançamos mão da carga horária prática das disciplinas. No trabalho que apresentamos aqui, procuramos levar as observações para um contexto de extensão.

Nesta ação, o Laboratório também contou com a presença de dois alunos do ensino médio, com idades de dezesseis anos, que nos acompanharam nas atividades. Embora não estivessem cursando Psicologia, realizaram todas as atividades de observação e relatório, além de auxiliar-nos com a parte técnica e uso de computadores e *tablets*. Para ações desenvolvidas com crianças, a presença de adolescentes é sempre bem vinda, pois auxilia no contato, pela proximidade geracional. Embora a atividade aqui relatada tenha sido desenvolvida no âmbito escolar, ela não tomou a escola como

referência, porque o objetivo do trabalho era centralizar nas crianças e suas infâncias. A vinculação entre a proposta extensionista e o ensino foi um dos principais pontos abordados, inclusive no campo da ação com os sujeitos.

A atividade ocorreu em três dias do mês de agosto e se deu a partir de contatos anteriores feitos por uma representante do Programa na cidade. Na escola municipal, foi realizada uma visita a uma turma de crianças entre oito e dez anos, no turno vespertino. Na escola particular, a visita foi realizada no turno matutino, com duas turmas reunidas especialmente para participar da atividade. Neste grupo, havia crianças entre sete e nove anos.

As ações foram realizadas nas salas de aula, com a presença de toda a turma, significando um número de 30 crianças em média, por sala. Uma situação como essa torna praticamente inviável a interação com um número significativo de crianças, uma vez que o grupo pode, durante a atividade, dispersar-se ou competir pela atenção do pesquisador, e este, certamente, não dará conta de ouvir a todos. Os alunos, então, cumpriram o papel de ouvir as crianças, instigando-as a falar, questionando-as sobre as situações de discussão propostas na atividade desenvolvida, e, ao mesmo tempo, fazendo o registro de filmagem ou gravação de suas falas durante o processo. O instrumento utilizado não foi padronizado, e cada aluno podia usar o que tivesse em mãos, que geralmente era um celular ou *tablet*.

Propusemos essa metodologia com base em Alderson (2005), Corsaro (2005a, b), Hecht (1998) e Ferguson (2000), citados por Corsaro (2005a), que utilizaram o conceito de assistente de pesquisa como importante recurso de conexão com crianças, pela proximidade etária. Em nosso caso, a proximidade seria de papéis, pois os “assistentes de extensão” também exerceriam a função de alunos. Além disso, a visão e interpretação dos assistentes sobre o fenômeno observado também auxilia na atividade, pois podem apresentar uma visão mais aproximada do mundo da infância, com muitas de suas peculiaridades ainda preservadas. De fato, pudemos observar a aproximação das crianças, dos dois grupos participantes, com os assistentes de extensão, falando sobre suas brincadeiras, sua realidade, suas experiências em sua cidade. Assim, praticamente toda a observação, interação e registro foram realizados pelos alunos de graduação e ensino médio, enquanto a atividade estava sendo executada.

As atividades realizadas diretamente com as crianças foram complementadas por outras, como a preparação anterior de um breve projeto individual, explicitando o que os alunos pretendiam observar, e conversas entre eles e a coordenação do projeto, ao final de cada dia. Essas conversas tinham como objetivo discutir a experiência e, nesse momento, os alunos podiam tirar suas dúvidas e auxiliar-se mutuamente para fazer as conexões entre o que estavam vivenciando e suas propostas originais para a observação. Havia também o objetivo de pontuar as questões que seriam abordadas em seus relatórios.

Iniciamos a atividade entrando na sala e fazendo as apresentações. Eu me apresentei com nome e, depois, os alunos também o fizeram. Comecei perguntando se as crianças saberiam dizer quem eram os alunos e quem era a professora, e por quê. A turma da escola municipal declarou que eu era a professora porque fui eu que me dirigi a eles em primeiro lugar, fazendo as apresentações. Logo de início, pudemos observar como as crianças podem interpretar os fatos de modo diferente do adulto, pois neste caso, elas não se ampararam na idade dos adultos ali presentes, mas na sua função diante deles.

Após apresentar a atividade e obter a anuência das crianças, iniciamos a apresentação dos *slides*. Escolhemos uma metodologia de apresentação de imagens com alguns temas considerados

pertinentes às crianças (PUNCH, 2002; FERNANDES; PARK, 2006). Os temas escolhidos foram “medo”, “brincadeira”, “escola”. Esses temas apresentados serviriam para “disparar” conversas e instigar as crianças a interagir com aquele grupo de adultos formado por pessoas desconhecidas. Embora as observações realizadas não tivessem como objetivo levantar dados para uma pesquisa, os alunos foram instruídos a registrar tudo o que pudessem para posteriormente fazermos as conexões com a disciplina estudada. Aqui, os dados foram importantes, tanto para compreender as teorias de psicologia na prática com as crianças, como para observar alguns aspectos do planejamento e levantamento de dados com este grupo etário, como parte do assunto de metodologias da pesquisa em desenvolvimento infantil.

Os *slides* foram apresentados em projetor multimídia, contendo fotografias de: uma criança espiando embaixo de sua cama com uma lanterna; uma criança africana, descalça, com mochila, andando em um campo de terra; um grupo de crianças em uma sala de aula, diante da professora; um bebê vestido de palhaço, sorrindo; uma criança pequena fingindo dançar com uma pequena estátua na rua; um bebê segurando uma guitarra, com uma fralda na cabeça; dois adultos, bem descontraídos, jogando pebolim (totó). A apresentação de imagens objetiva facilitar o trabalho, tanto para o entrevistador como para a criança, consumindo menos tempo pelo fato de a figura cumprir um papel de comunicação eficiente diante de indivíduos bem jovens (LAHIKAINEN et al., 2003). Todas as imagens utilizadas, de domínio público, foram retiradas da internet.

Cada imagem foi exibida por um tempo flexível entre um e três minutos. O critério de mudança das imagens se deu de acordo com o interesse das crianças, medido por suas vocalizações e comentários associados ao *slide*. Como os grupos de crianças eram acompanhados pelos alunos e adolescentes, eram estes que interagiam diretamente com elas nesses momentos, e faziam o registro de suas falas, histórias e experiências. Pudemos observar diferenças nos temas dos relatos da vida cotidiana nas duas escolas. Na escola particular, foram mais comuns os relatos sobre brincadeiras, filmes, jogos de computador e consoles, e insatisfação por parte das crianças com as opções de lazer e entretenimento de sua cidade, sendo a *internet* o “divertimento” mais utilizado por elas. Em contrapartida, as crianças da escola pública se diziam felizes com suas infâncias, relatando fatos de suas vidas e histórias de onças, lobisomens e heróis. Também pudemos observar a presença de brincadeiras tradicionais nestas crianças, como pega-pega, esconde-esconde e amarelinha.

Ressaltamos aqui a provável diferença entre os contextos de espaço aberto e de ambientes fechados, presentes nos dois grupos de crianças. Também pudemos observar a postura diferente das professoras nas duas escolas, sendo maior a tentativa de controle na escola privada. Durante a realização das atividades, fomos deixados sozinhos com a turma da escola municipal, mas as professoras da escola particular acompanhavam a atividade, observando das janelas que se abriam para o pátio, e assim, intervinham quando achavam que o comportamento das crianças estava se excedendo. Da mesma forma, fomos desautorizados a filmar ou fotografar as crianças, segundo a diretora, por acordo firmado entre a escola e os pais. Só pudemos fazer gravações das vozes nesta escola.

A partir deste ponto, apresentaremos trechos dos relatórios dos alunos e adolescentes participantes da atividade, procurando somar sua visão da experiência aos objetivos propostos. Abaixo, o relato de um dos adolescentes sobre o primeiro contato com as crianças da escola municipal:

Ao entrar na sala, fiquei surpreso, pois todos eram muito quietos, diferentes da impressão que eu tinha, então nos apresentamos e fomos nos sentar em pontos diferentes na sala para nos socializarmos com um número maior de crianças. Sentei

no fundo da sala, pois estava encarregado das filmagens e lá eu podia filmar a sala inteira, e as imagens eram projetadas no quadro para que as crianças debatessem sobre elas, e com o passar do debate foi possível perceber que as crianças da escola pública gostavam mais das brincadeiras tradicionais como pega-pega, esconde-esconde, etc., e que eram muito satisfeitos com a infância que tinham (relatório de Lorenzo).

Uma das alunas aborda a diferença entre o olhar da criança e o do adulto. Essa questão é discutida por alguns autores (GAGNEBIN, 1997; SARMENTO, 2004; FERREIRA, 2002) que apontam a criança como um ser humano com condições próprias de interpretar a realidade.

Este é um ponto importante para ser reconhecido por adultos que pretendem trabalhar com crianças, também como um exercício de alteridade diante das várias potencialidades do ser humano.

Elas conseguiam observar cada detalhe que, na maioria das vezes, passou despercebido por mim. Eles fazem uso de suas experiências para elaborar uma hipótese para cada imagem apresentada (relatório de Tamires).

Em determinado momento, as crianças, questionando uma das situações apresentadas pelos slides, descobrem que há, no link da imagem, informações sobre a origem da criança que caminha descalça com mochila nas costas e roupas que “não definem seu gênero”. Nesta situação, também pudemos observar a atenção das crianças a detalhes e seu empenho em solucionar problemas. Um dos alunos questiona o aproveitamento da potencialidade infantil por parte dos professores em sua prática pedagógica.

[...] elas extrapolam o espaço da imagem proposta e percebem o link da imagem que responde a estas perguntas. Com este olhar próprio das crianças, podemos relacionar este recurso à familiaridade que estas crianças têm com a ferramenta de pesquisa. Será que o olhar próprio das crianças inseridas nas tecnologias tem espaço dentro da sala de aula em situação cotidiana? (relatório de Otávio).

Uma aluna tece algumas considerações metodológicas sobre o trabalho realizado, já pontuando a experiência com os questionamentos surgidos no campo. Aqui também há um comentário sobre a familiaridade das crianças da escola particular com as ferramentas digitais:

Conclui-se que, apesar das limitações exploratórias desta investigação, é possível desenvolver algumas considerações de característica geral sobre os tipos de medos. O dado mais interessante que surge a partir da análise destes resultados é o poder influenciável da Mídia, que foi possível de ser encontrada no grupo de crianças da escola particular, diferente das crianças da escola pública que não têm acesso. O que foi observado nesta investigação constitui um primeiro passo para uma análise da representação social de uma emoção na cidade de Uruçuca, permitindo construir coordenadas úteis para o planejamento de futuras investigações nesta mesma área (relatório de Flávia).

Pode-se observar, no relatório de Flávia, um pensamento sobre as possíveis relações entre extensão e pesquisa. Do ponto de vista do ensino, esta é uma reflexão interessante como forma do aluno compreender a indissociação entre ensino, pesquisa e extensão possibilitada na prática

acadêmica. A aluna observa em seu relatório a influência da mídia sobre o contexto infantil. As crianças da escola particular, diante de *slides* que apresentavam temas ligados ao “medo”, faziam associações com filmes assistidos, lançando mão de informações trazidas tanto pela televisão como pela *internet*. As crianças da escola pública compreenderam as questões de outra maneira. Seu contexto de “medo” se liga a histórias orais de sua comunidade. Os alunos puderam ouvir algumas histórias de lobisomem e animais ameaçadores, como onças, dessas crianças.

Embora sejam todas crianças, membros da mesma região e município, há o detalhamento familiar e da cultura urbana e rural, nas quais as crianças se amparam para discutir um tema como “medo”. Neste outro trecho de relatório, podemos observar mais detalhes da conversa das crianças:

Nos medos, a cultura rural também estava presente nos alunos do município. Foram vários os casos de lobisomem, encontros com onças e outros animais selvagens. Uma menina contou: “A onça ficou com medo do meu pai. Onça tem medo de homem, não tem medo de mulher, nem de menino e nem de menina”. “Meu avô ouviu uma voz vindo da floresta – Esse lobo é homem, não o mate. Mesmo assim ele matou, no outro dia apareceu um homem todo ensanguentado. Dez dias depois meu avô morreu.” Contavam as garotas, algumas diziam já ter matado muitas cobras. Os medos dos alunos da escola particular tinham forte influência dos filmes de terror internacionais. Os mais citados foram bonecas e bonecos assassinos, falavam bastante do Chuck e do filme *Boneco Assassino* (relatório de Jade).

No trecho de relatório abaixo, podemos observar uma questão de enquadre em gêneros por parte das crianças, provavelmente na tentativa de organizar o mundo em uma lógica específica, por exemplo, estabelecendo diferenças entre adultos e crianças:

Uma imagem com duas pessoas jogando “totó” gera algumas reflexões. As crianças tentaram enquadrar as duas pessoas da imagem nas categorias de sexo (masculino/feminino) e idade (criança x adolescente x adulto). Destes dois pontos eles constituem o que é menino e menina: menino usa roupas azuis, tem cabelo curto, menina tem seios, cabelos longos. E diferenciam os modos de se vestir de acordo com idade. Diferenciam também o brincar do adulto, da criança e do adolescente, sendo que estabelecem proporções entre a responsabilidade e o brincar. E falam: “criança não tem responsabilidade”. Quando perguntamos se eles brincam com os pais, alguns respondem que sim, e relatam brincadeiras com armas de brinquedo que soltam tinta. Eles falam: “tipo arma de policial, e dói!” e “meu pai geralmente ganha!” (relatório de Otávio).

No próximo relato, observa-se a identificação das crianças da escola pública com o caminhar para ir à escola, bem como com a condição social da criança africana exibida para as turmas. Na escola particular, a discussão se deu a partir da diferença entre o seu contexto e o das crianças de condição financeira menos favorecida.

Outra diferença que chamou atenção foi a discussão a respeito de uma das imagens: uma garota, de uma vila da África do sul, de cabelo bem curto e descalça andando para a escola. Em ambas as escolas, surgiu a dúvida, se era uma garota de cabelo curto ou um garoto de saia. Porém apenas na escola particular as crianças levantaram a

questão social, chamando atenção para o fato de que a criança estava indo descalça, alguns disseram que ela não podia ir assim à escola e outras debateram que dependia da escola e que ela devia ser de um país pobre. Na escola municipal, as crianças não mencionaram a condição financeira da garota da imagem, por outro lado pareciam se identificar de alguma maneira (relatório de Jade).

A adequação das crianças ao modelo disciplinar da escola também foi observado pelos alunos. Algumas crianças adotam para si os valores da escola, e se esforçam para permanecer quietas, silenciosas e produtivas.

As crianças eram bastante comunicativas, mas pude observar que algumas delas ficaram em silêncio, a princípio associei o silêncio a elas estarem sentadas próximas à professora, mas ao perguntar o porquê estavam tão quietinhas elas me responderam que era porque era assim mesmo (relatório de Tamires).

As situações aqui descritas não estão em desacordo com o que se discute na literatura sobre infância e crianças, ao contrário, confirmam a ideia defendida pela sociologia da infância, sobre a existência de infâncias no plural, como contextos de vida dos sujeitos crianças, imersos e contribuintes de suas culturas, ao mesmo tempo. A pluralidade das infâncias defendida por esta abordagem também nos orienta a imergir nesses contextos diversos, a fim de tentar aproximações com os sujeitos dessas infâncias.

### **Algumas Considerações**

Diversos autores discutem o significado, para a criança, de oportunidades de participar de discussões abertas com seus pares, ou tendo adultos como interlocutores. Conforme dissemos anteriormente, esse não é um fato corriqueiro nas vidas das crianças. Em trabalhos como este, o discurso da criança vem para o centro. Este é um fato importante para reafirmar a cidadania infantil em contextos em que a criança é concebida como um ser humano que “ainda não é”, ou que se prepara para ser (um adulto, no futuro).

Alguns dos alunos de Psicologia fizeram referência a esta experiência como interessante para se observar formas de conversar com crianças em uma relação mais igualitária, em que elas são tratadas, em termos de respeito e credibilidade, como os adultos. Consideramos esta uma experiência significativa, especialmente para futuros psicólogos.

Consideramos a metodologia de formar pequenos grupos de crianças acompanhadas pelos assistentes, alunos e adolescentes, um dos aspectos positivos do trabalho desenvolvido. Além de evitar a competição pela atenção de qualquer um de nós, adultos (o que provavelmente ocorreria caso ficasse alguém apenas na frente da sala, como em um modelo de aula tradicional), o contato se tornou muito mais estreito, em um sistema de conversa entre pequenos grupos. Muito menos formal, essa metodologia traz uma série de vantagens ao trabalho com crianças e pode ser utilizada em investigação ou ação de vários temas relacionados à infância. Reafirmamos a importância de desenvolver métodos para abordar a criança como fundamental para a construção do conhecimento sobre esse sujeito e para, de fato, demonstrar o quanto a comunicação infantil depende da abordagem do adulto. Recomendamos o uso de métodos com auxílio de imagens como forma de facilitar a

comunicação, de não depender de longas explicações, economizando tempo muitas vezes precioso na atividade, e de trazer à criança oportunidade de imaginar e criar sobre detalhes ou o todo das imagens.

Embora não tenhamos realizado nenhum tipo de avaliação do trabalho com as crianças, isso seria um ótimo exercício para elas e para nós, e ofereceria uma boa base para nos orientar em trabalhos futuros. A avaliação da atividade por parte dos alunos se deu a partir da leitura de seus relatórios (eles foram orientados a incluir uma avaliação sobre a experiência), das aulas e orientações da disciplina estudada. Essas avaliações não foram incluídas neste texto, por considerarmos mais importante para o tema o desenvolvimento das ideias em relação às crianças propriamente ditas. Entretanto, é importante dizer que, em diversos momentos da disciplina, eles faziam menção à experiência com as crianças, vinculando-as às discussões realizadas em sala de aula.

Outra questão importante a ser considerada foi que a ação desenvolvida foi pontual, sem continuidade, pois, como estava vinculada às ações de um programa de extensão, acabou submetida à sua agenda. Da mesma forma, não foi feita uma avaliação com a comunidade, em função da restrição de tempo. As atividades foram planejadas e executadas na comunidade, e o grupo, para cumprir sua programação, precisou retornar à sua cidade de origem.

Diante do objetivo deste texto de abordar um ponto específico da experiência de extensão, não nos detivemos na discussão sobre as crianças, o que seria ótimo tema para outro texto. Por isso, certamente este aspecto careceu de aprofundamento. Dados sobre a comunidade, detalhes conseguidos com as filmagens, tudo isso foi deixado de lado, a fim de cumprir o objetivo proposto para este texto, que era focalizar nas relações entre ensino e extensão no trabalho com crianças.

E, finalmente, acreditamos que esta experiência pôde nos oferecer elementos para pensar em novas ações, novos projetos com crianças, dentro ou fora do domicílio da UESB, a fim de aprimorar as propostas e os trabalhos de extensão que trazem em sua concepção o vínculo com o ensino. A cada contato com crianças, reafirma-se a certeza de sua capacidade interativa e da possibilidade de o adulto se aproximar desse mundo que já foi seu.

## Referências

ALDERSON, Priscilla. Crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação na metodologia da pesquisa. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 91, maio/ago. 2005.

CORSARO, William. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 91, 2005a.

\_\_\_\_\_. *The Sociology of Childhood*. 2<sup>nd</sup> ed. (Sociology of a new century). California: Pine Forge Press. USA, 2005b.

FERGUSON, Ann Arnett. *Bad boys: public schools in the making of black masculinity*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2000.

FERNANDES, Renata Sieiro; PARK, Margareth Brandini. Lembrar-esquecer: trabalhando com as memórias infantis. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 26, n. 68, jan./abr. 2006.

FERREIRA, Manuela. Criança tem voz própria (pelo menos para a Sociologia da Infância). *A Página da Educação*, ano 11, n. 117, nov. 2002. Disponível em: <<http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=117&doc=9121&mid=2>>. Acesso em: 20 fev. 2006. Entrevista concedida a Ricardo Jorge Costa em agosto de 2002.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

HECHT, Tobias. *At home in the street: street children of northeast Brazil*. New York: Cambridge University Press, 1998.

LAHIKAINEN, Anita et al. Studying fears in young children: two interview methods. *Childhood*, London, Thousand Oaks and New Delhi: Sage Publications, v. 10, n. 1, 2003.

MONTGOMERY, Heather. An introduction to childhood: anthropological perspectives on children's lives. *Childhood*, v. 17, n. 4, 2010.

PUNCH, Samantha. Research with children: the same or different from research with adults? *Childhood*, London, Thousand Oaks and New Delhi: Sage Publications, v. 9, n. 3, 2002.

QVORTRUP, J. O trabalho escolar infantil tem valor? A colonização das crianças pelo trabalho escolar. In: CASTRO, L. R. (Org.). *Crianças e jovens na construção da cultura*. Rio de Janeiro: NAU, Faperj, 2001.

ROSEMBERG, Fúlvia; MARIANO, Carmen Lúcia Sussel. A convenção internacional sobre os direitos da criança: debates e tensões. *Cadernos de Pesquisa*, v. 40, n. 141, set./dez. 2010.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: \_\_\_\_\_; CERISARA, Ana Beatriz. (Org.). *Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*. Porto: Edições ASA, 2004.

*Data de recebimento: 03/08/2016*

*Data de aprovação: 30/03/2017*